

MEMÓRIA / Especialistas ouvidos pelo **Correio** ressaltam a importância de *Ainda Estou Aqui*, que reforça as advertências para o risco que o país correu com uma recente tentativa de golpe, embalada por narrativas que edulcoraram a ditadura militar

Um alerta contra o extremismo

» VANILSON OLIVEIRA

Com três indicações ao Oscar, incluindo o de melhor filme e o de melhor atriz para Fernanda Torres, *Ainda Estou Aqui* transcende o cinema ao tornar-se um manifesto contra o autoritarismo e um chamado à vigilância. A obra, dirigida por Walter Salles, revisita os horrores da ditadura militar brasileira e reforça os alertas sobre a fragilidade da democracia. Isso um ano depois de o Brasil ter vivido as tensões de uma tentativa de golpe de Estado, na sequência de um período em que tentou-se construir uma imagem positiva sobre a ditadura militar.

Especialistas ouvidos pelo **Correio** destacam o momento político, dentro e fora do Brasil, em que a defesa do autoritarismo não é feita mais de forma envergonhada — tal como o gesto do bilionário Elon Musk, em um discurso no qual celebrava a volta de Trump à Casa Branca, que foi interpretado como uma saudação nazista. Para eles, *Ainda Estou Aqui* serve para lembrar a violência da ditadura militar, cuja imagem o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro se empenhou para redesenhar.

Saudosismo

Para o cientista político Leonardo Paz Neves, que atua como analista de inteligência qualitativa no Núcleo de Prospecção e Inteligência Internacional (NPII) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), *Ainda Estou Aqui* chega em um contexto de "saudosismo pelo regime militar", agravado pelas acusações de envolvimento

Longa não tem direito à Rouanet

Uma das desinformações mais disseminadas nos canais de extrema-direita para menosprezar *Ainda Estou Aqui* é que o filme "recebeu recursos" da Lei Rouanet. Isso não é verdade. A obra não se encaixa nos critérios da legislação, pois de acordo com o artigo 3, inciso 2 da Lei 8.313/1991, somente películas "de curta e média metragem e filmes documentais" seriam beneficiadas. Além disso, a Lei Rouanet não repassa diretamente dinheiro para a realização de obras culturais. Ela apenas permite que os financiadores (sejam eles pessoas jurídicas ou físicas) de alguma expressão cultural tenha direito à dedução de impostos.

Sony Pictures/Divulgação



Fernanda Torres personifica Eunice Paiva, protagonista de *Ainda Estou Aqui*. Filme adverte para a necessidade de conhecer e estudar episódios históricos

de integrantes das Forças Armadas em tentativas de golpe de Estado entre 2022 e janeiro de 2023. "O filme é um alerta sobre como os regimes autoritários destroem famílias e perpetuam crimes que ecoam por gerações. Resgata a memória de um período que muitos preferem ignorar, mas que é essencial para entendermos os riscos do presente", ressalta. Segundo Leonardo, o filme não

só chama a atenção para os perigos do autoritarismo, mas, também, provoca uma discussão sobre a responsabilidade da sociedade em resistir ao discurso antidemocráticos que se espalha pelas redes sociais. "É essencial que as pessoas reconheçam os sinais de alerta. O autoritarismo não chega de forma súbita, mas, sim, com discursos que parecem inofensivos e ganham força quando não são

contestados. Esse filme é um lembrete de que precisamos agir antes que seja tarde demais", observa. O professor de Relações Internacionais José Niemeyer, do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), define *Ainda Estou Aqui* como "um bálsamo" em tempos de desinformação. Para ele, em tempos de fake news nos quais a informação é manipulada, e novas gerações

são influenciadas por essas distorções, o filme vem como uma ferramenta na luta contra os discursos de ódio e as mentiras sobre a ditadura brasileira. "Vivemos em um mundo inundado por fake news, onde as pessoas perdem a capacidade de analisar os eventos historicamente. O filme nos lembra de que as liberdades políticas são conquistas frágeis, que devem ser protegidas a todo custo", adverte.

Niemeyer acrescenta que a enxurrada de informações, mentirosas ou não, também contribui para uma espécie de "amnésia histórica". "Com tanta informação sendo consumida diariamente, esquecemos de contextualizar os eventos do presente com as lições do passado. O filme nos reconecta com a história, para que possamos compreender melhor o tempo atual", frisa.

Potencial educativo do filme

Um dos maiores méritos de *Ainda Estou Aqui*, segundo José Niemeyer, professor de Relações Internacionais do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), é seu potencial educativo. Ele acredita que o filme será amplamente utilizado em universidades e outras instituições de ensino como ferramenta para estudar a história política brasileira, o contexto internacional no qual a história se passa e compará-lo com o cenário atual da geopolítica mundial.

"O filme faz uma ponte entre cinema e política, ajudando as novas gerações a entenderem os perigos do autoritarismo e a importância de proteger a democracia", afirma, acrescentando que a capacidade do filme de dialogar com as novas gerações vai além do contexto brasileiro.

"Embora tenha raízes no Brasil, o impacto da obra transcende fronteiras. Em um mundo cada vez mais globalizado, pode ser usado como ferramenta para discutir os efeitos do autoritarismo na América Latina e até em outras regiões que enfrentam desafios semelhantes", conclui.

A necessidade de educar as novas gerações é enfatizada por Sílvia Souza, presidente da Comissão Nacional de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Ela alerta para o aparecimento de figuras extremistas no país.

"Estamos cercados por personagens que fletam com o autoritarismo e muitos não têm ideia dos perigos que isso representa. É essencial estarmos vigilantes para que nossa democracia não volte a ser ameaçada", observa. Ela também considera *Ainda Estou Aqui* um marco essencial na luta contra o negacionismo.

"O filme escancara uma história que tentaram apagar, mostrando a violência institucionalizada, a impunidade e as tentativas de destruir documentos e silenciar vítimas. Traz à tona a importância de revisitar o passado para que erros como esses não se repitam", afirma.

Para Sílvia, a arte cumpre um papel de popularizar histórias que, muitas vezes, permanecem restritas a círculos acadêmicos e políticos. "O cinema tem essa capacidade única de traduzir temas



O filme escancara uma história que tentaram apagar, mostrando a violência institucionalizada, a impunidade e as tentativas de destruir documentos e silenciar vítimas. Traz à tona a importância de revisitar o passado para que erros como esses não se repitam"

Sílvia Souza, presidente da Comissão Nacional de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)



Embora tenha raízes no Brasil, o impacto da obra transcende fronteiras. Em um mundo cada vez mais globalizado, pode ser usado como ferramenta para discutir os efeitos do autoritarismo na América Latina e até em outras regiões que enfrentam desafios semelhantes"

José Niemeyer, professor de Relações Internacionais do Ibmec



É um tapa na cara de quem tenta reabilitar a ditadura como modelo de ordem. Mostra que a democracia é um processo contínuo, que exige vigilância e engajamento constantes"

Patrícia Marins, cientista política

complexos e transformá-los em mensagens acessíveis a todos. *Ainda Estou Aqui* consegue escancorar verdades incômodas sobre o período da ditadura, ao mesmo tempo em que nos força a questionar como estamos lidando com as ameaças atuais à democracia", completa.

Mas, segundo Patrícia Marins, cientista política e gestora de crises do MeeToo Brasil, *Ainda Estou Aqui* insere o país em uma discussão internacional sobre direitos humanos e justiça social. "É um tapa na cara de quem tenta reabilitar a ditadura como modelo de ordem. Mostra que a democracia é um processo contínuo, que exige vigilância e engajamento constantes", salienta.

Patrícia destaca que o filme põe o Brasil em destaque em um momento de reconfiguração do cenário político global, pois não retrata só os traumas da ditadura brasileira — aponta o país como um exemplo de como as sociedades podem enfrentar medos históricos.

"Isso é especialmente relevante em um momento em que as democracias estão sendo desafiadas por líderes populistas ao redor do mundo. Ao abordar questões universais, como autoritarismo e resiliência, o filme nos lembra que essas ameaças não são exclusivas do Brasil. É uma mensagem poderosa para o mundo", acredita. (VO)

» **Leia mais** na página 22



EDIÇÃO Nº 986 | ANO 50

Boletim informativo das Organizações PaulOOctavio

26 DE JANEIRO DE 2025 | BRASÍLIA/DF

Informe Publicitário



PRINCIPAL MANUTENÇÕES

UMA EMPRESA CAPAZ DE RESOLVER TODOS OS PROBLEMAS

Uma empresa em expansão, vocacionada para cuidar do patrimônio de seus clientes. Essa é a Principal Manutenções, que nasceu para cuidar do patrimônio das Organizações PaulOOctavio, de seus clientes, dos mercados público e privado, com o objetivo de ser uma das cinco maiores do segmento.

Com quatro anos de atuação, a Principal emite laudos, realiza serviços prediais, como pintura e desentupimentos em geral, instalação de centrais de água gelada, torres de resfriamento e instalação de carregadores. Também tem geradores para locação para casos de emergências e eventos. Ou seja, tem todo tipo de serviço para que um condomínio funcione com perfeição.

Com um quadro de mais de cem colaboradores, ferramentais de alto padrão e frota de veículos para atendimento ágil, a Principal também oferece serviços de reformas, com a realização de retrofits em prédios importantes da cidade. **Conheça mais sobre o trabalho da empresa pelo site <http://principal.com.br> e agende uma reunião pelos telefones (61) 3315-8686 e (61) 99951-2849.**

www.paulooctavio.com.br